



Futebol em Apucarana: a fotografia e a relação de identidade da população com times locais¹

Heron Heloy COSTA²

Paulo César BONI³

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

RESUMO

Este projeto é um recorte (desmembramento) do projeto de pesquisa **Fragmentos da História do Norte do Paraná (décadas de 30 a 60) em textos e imagens**. Partindo do princípio da fotografia como um documento visual revelador de informações e detonador de emoções e, aliando a isso a metodologia de coletar informações por meio da história oral, *Futebol em Apucarana: a fotografia e a relação de identidade da população com times locais* é um estudo da história deste esporte na cidade de Apucarana, norte do Paraná, da década de 40 aos dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: História de Apucarana (PR); História do futebol apucaraneses; História oral; Fotografia e memória.

Vestiário (Introdução):

A intenção deste trabalho é trazer um tema popular, o futebol, para a discussão acadêmica. Entender este esporte enquanto objeto de pesquisa é, por que não, tentar desvendar um pouco da história do Brasil. E pesquisar a história do futebol de Apucarana, cidade de médio porte do interior do Paraná, é dar voz aos “desconhecidos” que, mesmo não aparecendo nas manchetes principais, também são sujeitos construtores da história.

Como meio de contar estas histórias surge a fotografia, documento – nas palavras de Boris Kossoy – “revelador de informações e detonador de emoções”. Porém, como as fotografias podem falhar enquanto instrumento único de revelação de informações, aliam-se a elas as entrevistas orais, forma de obter mais que simples respostas, metodologia que permite ouvir testemunhos de quem esteve lá e viu o fato histórico acontecer.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Jr. – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação do 3º Ano do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL), email: heron.heloy@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor doutor do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL), email: pcboni@sercomtel.com.br



A soma destas duas metodologias, mais o embasamento de teóricos da área como o fotógrafo Boris Kossoy e o sociólogo José de Souza Martins, além dos jornalistas apucaraneses que cobriram a história do futebol na cidade, traz como resultado o presente artigo. Um relato da bola em gramados apucaraneses, utilizando a fotografia como fonte de pesquisa. Um trabalho exploratório, descritivo e analítico.

Esquema tático (metodologias de pesquisa)

Futebol em Apucarana: a fotografia e a relação de identidade da população com times locais está fundamentado num tripé: pesquisa de campo, descrição dos resultados encontrados e análise dos mesmos. Pode-se dizer que para os três papéis é preciso um pouco de historiador e um pouco de jornalista.

A pesquisa de campo surge como primordial, haja vista que esse é um estudo em cima de um tema do qual não se dispõe uma bibliografia pronta. O que se acha são pedaços, fragmentos de história. O direcionamento exploratório serve então, como aglutinador das realidades encontradas.

A partir do momento em que se encontra dado conteúdo, é hora de reunir o mesmo, tornando comum pontos isolados da pesquisa. Feito o elo entre as partes, parte-se para o confronto com base nas fontes da bibliografia. O teórico analisando o prático e vice-versa.

No livro *Fotografia e história*, Boris Kossoy defende o rastreamento dos fotógrafos que atuaram na região de pesquisa em dado período quando se elabora um trabalho histórico a partir do zero. Neste sentido, Kossoy (2001: p. 87) argumenta:

O estudo das fontes fotográficas, como já foi observado, demandará sempre um enfoque inter e multidisciplinar. Os museus, arquivos e universidades devem operar em conjunto no levantamento dos artefatos fotográficos, bem como na identificação de seus conteúdos. É fundamental para essa tarefa o contato permanente com a comunidade. As pessoas mais idosas e os cronistas do lugar devem ser consultados, pois possivelmente terão condições para identificar e relatar as circunstâncias que envolveram os cenários documentados e os personagens retratados. E esses depoimentos devem ser colhidos com urgência. (KOSSOY, 2001, p.87)

Tendo estes conceitos em mente, desenvolveu-se um conjunto complementar de metodologias para a pesquisa sobre o futebol apucaraneses.

Com o auxílio de dois importantes nomes da imprensa esportiva apucaraneses:



Francisco Dias Soares Sobrinho (Chiquinho) e Raul César dos Reis obteve-se um relato plural da história do futebol na cidade. No caso de Chiquinho, autor do livro *Norte do Paraná: Apucarana em prosa e verso*, também foi muito importante a contribuição de seu arquivo pessoal, do qual constam muitas fotografias e textos aos quais, de outra forma, o acesso não seria possível. Residente no município desde 1951, ele trabalhou em quase todos os veículos de comunicação da cidade ao longo da história, chegando a editar um conteúdo independente, o tabloide *A Crônica*. As fotografias presentes neste trabalho até a década de 70 são de seu acervo pessoal.

Como este é um projeto de pesquisa que pretende demonstrar as diferenças às quais o futebol se sujeitou ao longo das décadas, também seria necessária uma fonte atual, da história do Roma Esporte Apucarana, principalmente. Para tal contou-se com a contribuição do repórter de esportes da *Tribuna do Norte* (atual jornal da cidade), Raul César dos Reis. Trabalhando no jornal desde o começo da década de 90, Raul foi a fonte escolhida.

O exame das fontes fotográficas jamais atingirá sua finalidade se não for continuamente alimentado por informações iconográficas. [...] De outra forma, jamais traremos elementos sólidos de apoio e as pistas necessárias para a correta identificação dos assuntos representados. (KOSSOY, 2001, p. 78)

Ou seja, as fotografias, se analisadas como objetos desprendidos de um contexto, viram meras ilustrações de um assunto. “Sem a referência teórica apropriada, [...] a fotografia, tanto na Sociologia quanto na Antropologia e na História, não passará de mera ilustração de texto.” (MARTINS, 2008, p. 30)

Esse argumento já poderia ser descartado tendo em vista as entrevistas orais com os repórteres esportivos. Mesmo assim, foram analisados tanto os exemplares impressos que constavam do acervo de Francisco Dias Soares Sobrinho quanto os do jornal *Tribuna do Norte*, como fonte subsidiária de informações. Afinal, nas palavras de Kossoy (2001: p. 78): “é um engano pensar-se que o estudo da imagem enquanto processo de conhecimento poderá abdicar do signo escrito”.

Com as fotografias acopladas ao signo escrito e os relatos orais de quem testemunhou a história, pode-se embasar a presente pesquisa.

Rola a bola... (A trajetória – em fotografias – do futebol apucararense)

O esforço pela criação do município começou no dia 5 de maio de 1943, quando ocorreu, na sede do Grêmio Esportivo e Recreativo de Apucarana (GERA), a primeira reunião para discutir a emancipação do povoado. (BONI, 2009, p. 98)

No caso de Apucarana, confirma-se a máxima brasileira de que a história do futebol se confunde com a história do país. O fragmento acima revela que, antes mesmo da emancipação do município já existia um clube no patrimônio que era, além de esportivo – uma agremiação social.

GERA e Roma. De uma sigla a outra, 69 anos de história do futebol apucaraneses. Um passeio pelos gramados e, conseqüentemente, por parte da história da cidade. A figura 1 mostra esse paralelo entre futebol e cidade no começo do município. Na mesma imagem em que se observa o campo, nota-se a igreja ao fundo da imagem.

Figura 1 – Primeiro campo da cidade, onde hoje é a atual Praça Rui Barbosa (praça da igreja). Década de 1940



Fonte: Autor desconhecido. Extraído do livro ‘Apucarana em prosa e verso’

GERA – O primeiro

O Grêmio Esportivo e Recreativo de Apucarana (GERA) surgiu como a prolongação de um desejo que os pioneiros tinham de ter um clube de futebol, e que já tinham tentado timidamente com o Apucarana Futebol Clube (A.F.C.) em 1940. Tanto o foi, que o GERA “herdou” os pertences do então A.F.C. A sugestão para criar o clube foi de um dos pioneiros mais importantes da cidade, José de Oliveira Rosa. A reunião



na qual ficou decidida a fundação do clube aconteceu na residência de Manoel Sardinha Pereira, em 11 de outubro de 1942.

Em 6 de dezembro de 1942, foi constituída a primeira diretoria do clube. A sede social foi construída em um barracão de madeira na confluência da rua Reserva (atual João Cândido Ferreira – centro da cidade) e a Praça Palmas, hoje Rui Barbosa (praça da igreja). Esse lugar era o ponto de encontro das famílias apucaraneses em acontecimentos sociais.

Os esportistas, então, pleitearam junto à Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), a doação de uma área destinada à praça de esportes, que foi concedida a quinhentos metros do centro do patrimônio, à margem da picada que levava a Londrina, esquina da atual avenida Curitiba com a rua Arthur Bernardes.

Trabalhando nas horas vagas, os esportistas roçaram, plantaram grama e cercaram o que viria a se tornar o primeiro estádio do patrimônio, o Bom Jesus da Lapa. O nome, dado por sugestão do pioneiro e secretário do clube, José Ribeiro de Souza, é o mesmo até hoje, embora o estádio já tenha trocado de lugar. Vale lembrar que, mesmo sendo uma construção rústica, a sede do GERA era o único local de encontro das lideranças apucaraneses, que ali tomaram importantes decisões para o desenvolvimento do município como a emancipação política e a construção do primeiro grupo escolar. Também ali era o palco de bailes, comemorações cívicas e outros eventos comunitários.

O GERA promovia jogos contra times da região como Nacional de Rolândia, Lavoura de Araongas, Comercial de Cornélio Procópio, Minerva e Fuganti – ambos de Londrina.

Até mesmo times de outros estados, como o Olaria do Rio de Janeiro, vinham enfrentar a equipe apucaranesa. Os jogos levavam grande número de pessoas (e de diferentes camadas sociais) ao estádio. Dessa época, pode-se destacar jogadores como Pio, Espanhol, Arlindo, Esquerdinha, Braguinha, Roque, Tolstoi, Alceu, Ace, Rene, Turco, Sebastião, Lino, Bola Sete, Leônidas, Donaldson, Eurico, Dampssy, Salomão, Paulo, Rogério, Elísio, Oscar, Vambota, Pipino, Bocage, Almir, Zezinho, Padeiro, Pinguim, Turíbio, Neco, Lima, Gil, Barbeiro, Coco, Catarina, Miltinho, Tiguinho, Abílio, Aparecido, Milano e outros.

Muitos desses nomes, posteriormente atuaram em clubes de renome nacional. Quanto ao GERA, depois de um período de sucesso com o bicampeonato regional em 1955/56, o clube não manteve diretorias muito eficientes e foi desativado.

Figura 2 – Equipe do GERA bicampeã regional em 1956



Fonte: Autor desconhecido. Extraído do livro ‘Interior Bom de Bola’

A diretoria da época prometera a reconstrução da sede em anexo ao estádio e também a construção de uma sede campestre, promessas não cumpridas. O GERA prolongou sua existência até o ano de 1960, quando o “clube dos pioneiros” deixou de existir. Devido às dívidas que a agremiação tinha, não foi possível reabri-lo com o mesmo nome. No ano seguinte nascia o Apucarana Futebol Clube.

Apucarana Futebol Clube (A.F.C.)

“Em 1962, o Apucarana F.C. formou um esquadrão praticamente imbatível, com certeza, o melhor time de sua história.” A opinião é de Antônio Padilha Alonso, autor do livro *Interior bom de bola*.

Fato é que o Apucarana Futebol Clube foi o segundo clube da história da cidade. Já não mais tão ligado aos pioneiros e centro das discussões políticas e sociais da cidade, como era o GERA. O A.F.C. contou com boas equipes, chegando a ser campeão do interior no ano de 1968, o que contou praticamente como um campeonato estadual do interior, uma vez que Coritiba e Atlético, ambos da capital, foram os primeiros colocados.

Mas se em campo boas equipes eram formadas, fora dele a diretoria não dava conta das dívidas que começavam a surgir. *O Debate* de 1º de setembro de 1968 traz a seguinte matéria, em resposta a uma nota que *O Estado do Paran’* havia divulgado sobre a situação financeira do A.F.C.:

A respeito do assunto, cabe-nos esclarecer a V.S e aos demais desportistas e Apucarana e do Paraná que o Apucarana Futebol Clube não encerrou suas atividades e sim paralisou-as em razão do mal dirigido calendário organizado pela Confederação Brasileira de Desportos. Paralisadas como foram as atividades esportivas oficiais dos clubes, difícil tornou-se a sobrevivência de qualquer equipe profissional nesta época em que as partidas amistosas não proporcionam, na maioria das vezes, rendas compensadoras, causando quase invariavelmente prejuízos aos que dela participam. (O DEBATE, 1968)

O quadro de dívidas somado a falta de lucro com as partidas levou o Apucarana Futebol Clube a fechar as portas em 1970. Com isso, o Apucarana ficaria alguns anos sem futebol profissional.

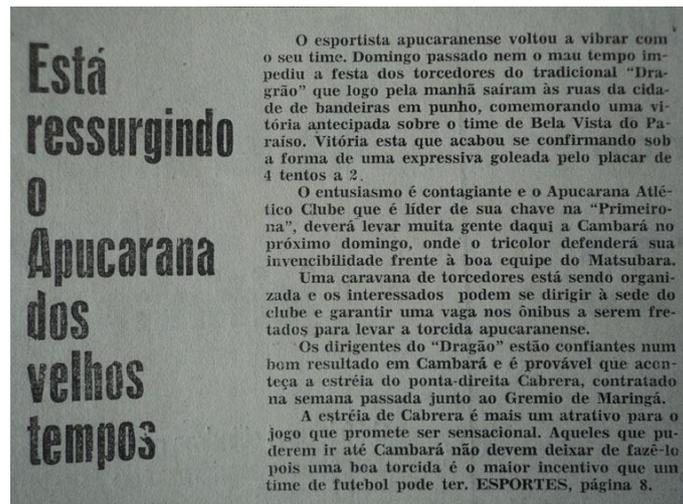
Apucarana Atlético Clube (A.A.C)

Após um hiato de cinco anos sem futebol profissional na cidade, em novembro de 1975 começou um movimento em prol da volta de um time de futebol no município.

O primeiro passo para o retorno do futebol profissional em Apucarana foi dado. Desportistas estiveram reunidos na quinta passada, procurando traçar os planos iniciais. Foi mais um encontro informal para troca de idéias. Uma coisa, no entanto, ficou patente: existem muitos que estão dispostos a trazer de volta o GERA (Grêmio Esportivo e Recreativo Apucaranesse). É verdade que o número ainda é pequeno, mas os iniciadores do movimento esperam muitas adesões. Caso contrário, terão então a certeza de que grande parte dos apucaraneses não quer a volta do futebol profissional. Lembramos, porém, de que se não for desta vez, será muito mais difícil para o futuro, qualquer idéia neste sentido. A semente foi plantada, e agora é cuidar para que ela germine e cresça. (TRIBUNA DA CIDADE, 29. Jan. 1975)

Neste recorte já se percebe uma atuação mais incisiva, mesmo por parte do jornal, de convencer a população a abraçar a ideia de um clube de futebol profissional na cidade. Seja pela “força” dada pela *Tribuna da Cidade* ou não, ainda no ano de 1976 Apucarana ganhou seu terceiro time na história: o Apucarana Atlético Clube. A seguinte matéria ilustra bem:

Figura 3 – Jornal notícia a volta do futebol em Apucarana com o Apucarana Atlético Clube



Fonte: Jornal 'Tribuna da Cidade' (Apucarana-PR).
Edição de 17 de junho de 1976

A edição de 4 de dezembro de 1975 trazia como uma das chamadas de capa: "Nasceu o nosso Apucarana Futebol Clube". De fato, o time era tão próximo das pessoas da cidade que até seu escudo foi escolhido por meio de um concurso entre os cidadãos de Apucarana.

O "Atlético" chegou a empolgar os torcedores da cidade no começo de sua vida, vencendo até mesmo equipes conceituadas de outros estados, como o Noroeste de Bauru. A torcida comparecia aos jogos.

Figura 4 – Arquibancadas do estádio *Bom Jesus da Lapa* lotadas na volta de um time profissional na cidade



Fonte: Jornal 'Tribuna da Cidade' (Apucarana-PR).
Edição de 27 de maio de 1976

Porém, levar o nome de Apucarana não foi a única coisa em comum entre o



A.F.C. e o A.A.C. Com o mesmo problema de dívidas de seu antecessor, o Atlético foi levando suas mais de duas décadas de existência (1975-1996) entre campanhas regulares no Campeonato Paranaense e o eterno fantasma das dívidas. Uma edição do jornal *O Radar*, de 26 de dezembro de 1976, dá o quadro da situação:

Esta é uma hora de festa, de alegria, de confraternização, como todos os anos, nesta época. Mas existem pessoas que não estão festando, alegres ou confraternizando. Nós estamos nos referindo aos jogadores profissionais do Apucarana Atlético Clube. Salários em atraso há 3 meses. Compromissos para serem acertados, inclusive aluguel de casa. O restaurante, novamente, ameaça cortar a comida, porque também não lhe pagam. Pela última vez neste ano, nós pedimos para vocês: vamos ajudar esse pessoal. Mais uma vez só, até vencer o mandado da atual diretoria. Este é um apelo que fazemos para vocês. Por favor, pensando somente no sentido de que os jogadores profissionais de Apucarana também são gente como nós. (O RADAR, 1976)

Em 1996 o clube fechou as portas. Apucarana ainda teve um nova tentativa do A.F.C., durante os anos de 1997, 1998 e 1999. Em 2000, mesmo com a vaga garantida para a disputa da Série A do Paranaense, a agremiação deixou de existir por conta de dívidas trabalhistas. Não era mais viável a ninguém assumir nenhum dos dois nomes.

Roma Esporte Apucarana

Atual clube da cidade, o Roma Esporte Apucarana foi fundado em 12 de janeiro de 2001. Na verdade, por ‘fundado’ entende-se a data na qual a construtora e incorporadora Roma (homenagem a Romilda – mãe de João Wilson Antonini, dono da empresa) de São Paulo assinou o contrato de parceria com a prefeitura de Apucarana. O recorte a seguir esclarece o esquema de parceria entre empresa e cidade:

A assinatura do contrato entre a empresa e a prefeitura se dará nos próximos dias. A parceria seria de 4 anos e a equipe receberia o nome de Roma Esporte de Apucarana. As cores azul, branco e amarelo da bandeira do município também seriam do novo clube. O prefeito disse que vai ceder o estádio Bom Jesus da Lapa. Além disso, a prefeitura poderia ceder um ônibus, ajudaria nas despesas de alimentação e arrumaria duas cozinheiras e uma lavadeira. A empresa paulista ficaria com as outras despesas, como pagamento dos salários dos jogadores e da comissão técnica, taxa de inscrição na Federação Paranaense de Futebol (FPF), compra de material esportivo entre outros. (TRIBUNA DO NORTE, 2. Dez. 2000)

Ao contrário do GERA, ligado às movimentações sócio-políticas do então

patrimônio, ou mesmo do A.F.C. e do A.A.C. – que traziam em seu nome “Apucarana”, o Roma parecia algo distante, longe da realidade do torcedor. Era mais empresa do que clube.

Depois de alguns meses de negociações, foi fechado ontem pela manhã no gabinete da Prefeitura de Apucarana o contrato de parceria entre a Administração Municipal e a Construtora e Incorporadora Roma, de São Paulo. O documento foi assinado pelo prefeito Valter Aparecido Pegorer e por João Wilson Antonini, o Kiko, sócio-proprietário da empresa paulista. Com isso, desde ontem, Apucarana ganhou o seu mais novo clube de futebol profissional, que recebe o nome de Roma Esporte de Apucarana, com sede na Avenida Curitiba, no. 1453, no Centro Comercial Rosa. [...] Kiko disse que o Roma de Apucarana é um clube-empresa e está dentro da Lei Pelé. Tem como objetivo participar de campeonatos a nível estadual, nacional e até internacional, e também comprar e vender jogadores. (TRIBUNA DO NORTE, 13. Jan. 2001).

O objetivo já não é mais o mesmo dos times antecessores. É um “clube-itinerante” que, da mesma forma que deixou Barueri para vir para Apucarana, pode um dia deixar a “Cidade Alta”⁴ para mandar seus jogos em outro município. Talvez daí venha a falta de prestígio do Roma para com a torcida apucaranesa. Mesmo durante a disputa de competições como a Copa do Brasil e a Série C do Campeonato Brasileiro (feitos inéditos para uma equipe da cidade), o torcedor nunca “abraçou a ideia” do clube-empresa. A figura 5 é um recorte de uma das primeiras exibições do time, ainda no ano de 2001. Percebe-se a presença do torcedor, talvez à época ainda animado pela possibilidade de ter um time, mesmo que este não levasse o nome do município. Presença pequena, porém, se comparada com os primeiros jogos do Apucarana Atlético Clube em 1976 (figura 4). Também no detalhe da imagem se nota uma das discrepâncias do Roma em seu começo. Enquanto as arquibancadas estão pintadas no tradicional tricolor vermelho, preto e branco (cores dos times anteriores), o Roma jogava de amarelo e roxo.

Figura 5 – Roma aplica maior goleada de sua história. 10x0 no Almirante Tamandaré. Série A-II do Paranaense de 2001

⁴ Em razão de sua elevada altitude geográfica em relação ao nível do mar, Apucarana é conhecida como “Cidade Alta”



Fonte: Jornal 'Tribuna do Norte' (Apucarana-PR). Edição de 17 de julho de 2001

Não é comum ver pessoas com camisetas do Roma pelas ruas de Apucarana, nem mesmo no estádio se observam muitas. Ao contrário do vizinho, Araçongas Esporte Clube, que sempre “veste” de verde seu estádio. O time até trocou as cores de seu uniforme, do roxo e amarelo para o tradicional tricolor preto, branco e vermelho para tentar criar um vínculo com o apucaranesse, mas não foi o que ocorreu.

Hoje o clube nem mesmo é administrado por João Wilson Antonini e sim por um empresário local. Disputa a Série A do Paranaense, na qual, até o fechamento deste artigo – faltando duas rodadas para o fim do campeonato – ocupava a zona do rebaixamento. Em caso de descenso, nada garante que o Roma continuará mantendo o futebol profissional. Nos jogos desta temporada de 2012, a média de público foi inferior a 1000 pagantes. A última figura deste artigo, capturada em 25 de janeiro de 2012 – representa a baixa média de público no estádio.

Figura 6 – Roma x Cianorte pela Série A do Paranaense 2012





Fonte: Arquivo pessoal Heron Heloy

A opinião de Padilha Alonso encerra bem o tema “clube-empresa”.

Futebol empresa? Atualmente o futebol é um negócio como outro qualquer, no qual o produto de qualidade atrai público. O que acontece, é que surgiram grupos empresariais que arrendam os clubes e dão a isso o nome de parceria. Não fazem os investimentos necessários, pois só almejam o lucro fácil. Não contratam jogadores conhecidos do público, apenas jovens interessados a jogar por um baixo salário, e contrato por apenas dois outrês meses. Se algum desses demonstrar qualidades de craque, será imediatamente negociado com o futebol do exterior com alta lucratividade. Esses empresários modernos pensam e agem assim. Não se importam com o passado, com as glórias conquistadas pelo clube. Só querem lucros e mais lucros. Se isso não acontece, passam a reclamar da falta de apoio da mídia e até da torcida, se esta não comparece em massa. [...] O torcedor só comparece e gasta seu dinheirinho ganho com sacrifícios se houver atrações na equipe, jogadores de nome. [...] Esses grupos de empresários deveriam saber que, até os pequenos circos, quando se instalam em uma cidade, divulgam suas atrações. Enquanto prevalecer essa mentalidade, o futebol, principalmente o do interior, mais precisamente Londrina e Maringá sem atrações continuará a ser essa enganação, esse retrocesso. (ALONSO, 2005, p. 7)

Apita o árbitro! (Considerações Finais)

De forma concisa, este artigo procurou apresentar um pouco da pesquisa sobre a história do futebol em Apucarana. GERA, A.F.C., A.A.C., Roma.

Este trabalho de descrição/análise não é dos mais fáceis, mas pode-se dizer que ficou menos “espinhoso” a partir do momento em que se aplicou a ideia de Kossoy de rastreamento dos fotógrafos da época, no caso, adaptando o conceito para os principais jornalistas que cobriram o futebol apucaranesse. Neste tipo de pesquisa, a história oral é trabalhada em relação de cumplicidade com as fotografias. E passando-se estas mesmas histórias orais para o signo escrito, chega-se ao jornal – ferramenta que também foi das mais importantes, principalmente no tocante a achar imagens contextualizadas. Com esse conjunto em mãos foi possível trabalhar as três etapas descritas no começo desta apresentação: exploratório, descritivo e analítico. Quanto ao último, destaca-se a importância de se achar fontes que pesquisaram a fotografia enquanto objeto de auxílio da ciência e também daquelas que toparam o desafio de explorar, pesquisar e falar sobre regionalismos, sem dúvida – um dos focos principais de *Futebol em Apucarana: a fotografia e a relação de identidade da população com times locais*.



As fotografias podem soar como meras ilustrações do tema trabalhado, mas não o são. São imagens para serem lidas interiormente e importantes fragmentos que, mesmo em seus mínimos detalhes, conseguem contar a história.

Por fim, espera-se com esse trabalho, mais do que simplesmente relacionar conceitos de Kossoy ou Martins com fotografias, deixar algo de novo, um legado. Com isso em mente o objeto escolhido foi o futebol apucaranesense e não o de Londrina ou Maringá.

Uma história menos divulgada, mas nem por isso menos importante.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Antônio Padilha. **Interior bom de bola**, [s.l.], [s.n.], 2005.

BONI, Paulo César (Org.). **Certidões de nascimento da história**: o surgimento de municípios no eixo Londrina – Maringá. Londrina: Planográfica, 2009.

JORNAL O DEBATE. Apucarana. 1º Setembro de 1968

JORNAL TRIBUNA DA CIDADE. Apucarana. Edições de janeiro a dezembro de 1975

JORNAL O RADAR. Apucarana. 26 de dezembro de 1976

JORNAL TRIBUNA DO NORTE. Apucarana. Edições de dezembro de 2000 e janeiro de 2001

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2.ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

SOBRINHO, Francisco Dias Soares. **Apucarana em prosa e verso**. Apucarana: Gráfica Diocesana, 2007.